REVISTA
alimentação
ANIMAL
ANO 7 - NÚMERO 26 - JULHO / SETEMBRO "2002

3-Nitro
Ação do Sindirações anula Portaria 31

Produção de camarões em alta
Potencial econômico chega a US$ 21 bilhões

Ameaça ou desinformação?
Aditivos ou coadjuvantes alimentares melhoram o desempenho produtivo do animal sem causar risco para a saúde humana

Para ser o melhor, tem que ter peito.

Surmax proporciona inúmeros benefícios ao seu plantel, veja:

- **Rendimento de + 0,7% nas carcaças resfriadas**
- Maior produtividade por ave alojada
- Maior rendimento por homem no abatedouro
- Proporciona mais eficiência alimentar
- Maior lucratividade

Além de tudo isso, promove mais carne nobre, ou seja, peito, muito mais peito.

SURMAX
É de encher o peito

ELANCO
SAÚDE ANIMAL

Elanco Saúde Animal - Av. Morumbi, 8264 - CEP 04703-002 - São Paulo - SP - PABX (011) 532-6911 - Fax: (011) 532-6970

Tributação iníqua

Lá em Goiás, o quadro é de grande preocupação. A partir da publicação de seu último Regulamento ICMS - Artigo 58, I, nº 1 - o estado goiano criou uma restrição, exigindo que seus contribuintes estornem o crédito pelas entradas de insumos da agropecuária quando a saída do produto resultante for isenta.
Esta exigência está tornando os fabricantes de alimentos para animais de Goiás (ver box) sem forças para competir com fabricantes de outros estados, principalmente as empresas que têm operações em mais de um estado. O SINDIRAÇÕES, entendendo que este regulamento está afetando duramente as empresas instaladas em Goiás, vem pressionando sistematicamente junto à FIEG - Federação das Indústrias do Estado de Goiás e demais órgãos competentes para que o setor de alimentação animal seja excluído deste novo regulamento. Uma nova rodada de negociações estava marcada para o dia 22/05 em Goiânia, data posterior ao fechamento desta edição.

ASSOCIADOS DO SINDIRAÇÕES EM GOIÁS:

Agribrands do Brasil (Purina), Centro Oeste Rações (Guabi), Caramuru Alimentos, Planagri Sementes e Rações, Rações Fri-Ribe, Agrocria, Agropecuária Jataí, Agroquima Produtos Agropecuários, Barroso Comércio, Minerthal, Nutroeste Nutrição Animal e Laboratório Zooflora.

CaO do Brasil Ltda

INGREDIENTE P/ RAÇÃO ANIMAL

CALCÁRIO BRANCO
CALCÁRIO CINZA
CAULIM BRANCO
CAULIM AMARELO
CAL VIRGEM PÓ
PEDRISCO P/ POEDEIRA

CaO do Brasil Ltda
Rod. Br. 354 - Km 455
Fone: (37) 3353-2000 / 3353-2066
Site: www.caodobrasil.com.br - e-mail: cao@nwm.com.br
Iguatama - MG

Manual BPF em fase final de produção

A Comissão Técnica do SINDIRAÇÕES está finalizando o conteúdo do Manual de Boas Práticas de Fabricação - MBPF, documento que está sendo produzido desde o ano passado em conjunto com técnicos de todos os segmentos da indústria e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Atualmente, estão ocorrendo as últimas reuniões entre os envolvidos.

O MBPF irá facilitar e incentivar a padronização de procedimentos e normas a serem adotadas por fabricantes de produtos industrializados destinados à alimentação animal, visando a garantia de sua conformidade e inocuidade para o animal e o homem.

Em seu conteúdo, o manual vai trazer orientações e requisitos de boas práticas operacionais, como os requisitos higiênicos-sanitários de matérias-primas, edificações, instalações, equipamentos e pessoal; identificação, armazenamento e transporte de matérias-primas e produtos acabados; sistema de controle e combate às pragas; sistema de garantia e controle de qualidade; e sistema de garantia da rastreabilidade de produtos, materiais e matérias-primas.

Além disso, o MBPF terá um checklist para mensurar o nível de aperfeiçoamento e implementação do seu conteúdo nas indústrias do setor. A expectativa é que o lançamento do Manual BPF ocorra em agosto deste ano.

De cara nova

Nesta edição da revista Alimentação Animal, o SINDIRAÇÕES apresenta a reforma editorial e visual gráfica implantada pelo Conselho Editorial, ampliando o espaço dedicado aos assuntos econômicos e mercadológicos que diz respeito ao setor. A circulação da revista foi interrompida no trimestre abril-junho em função das mudanças estabelecidas e retoma sua periodicidade a partir deste número. Faça críticas e dê sugestões pelo e-mail: faledireto@contatoeditora.com.br.

Site reformado

O site do Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (www.sindiracoes.com.br) entra no ar em junho com nova configuração. A estrutura é dividida em áreas livres para o surfista da web e a área restrita aos associados do SINDIRAÇÕES. A webpage apresenta levantamentos estatísticos por setor, atividades das Comissões e Grupos de Trabalho, links de interesse, boletim eletrônico mensal e outras informações importantes para o internauta.

Fique sócio

Além de cumprir suas funções de entidade patronal, o SINDIRAÇÕES exerce atividades de suporte técnico ao governo e às empresas filiadas, representando o setor privado tanto nas questões fiscais e tributárias, quanto no aperfeiçoamento das relações comerciais e institucionais no âmbito da agroindústria. Para associar-se ao SINDIRAÇÕES é fácil: basta preencher o formulário no site www.sindiracoes.com.br ou solicitar a proposta de filiação pelo telefone (11) 3031-3933.

Regulamentação para pet food

A existência de normas antigas e incipientes associada à grande evolução recente ocorrida no setor levaram técnicos do SINDIRAÇÕES e do segmento de pet food ao estudo de uma nova regulamentação técnica sobre alimentos completos e especiais para a cães e gatos. O resultado, após 2 anos de trabalhos, foi a elaboração do "Regulamento Técnico sobre Fixação de Padrões de Identidade e Qualidade de Alimentos Completos e de Alimentos Especiais Destinados a Cães e Gatos".

Estas novas diretrizes foram aprovadas em 7 de março de 2002, pelo secretário Manoel Antônio Rodrigues Palma, responsável pela Secretaria de Apoio Rural e Cooperativismo, com a publicação da Portaria SARC nº 2 do MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. A regulamentação encontra-se em consulta pública e deverá ser publicada nos próximos dias. Segundo a Portaria, as empresas terão 180 dias a partir da publicação para se adequarem aos princípios do Regulamento Técnico (prazo limite: 7/09/2002).

O Regulamento Técnico determina a identidade e as características mínimas de qualidade que devem ser obedecidas na fabricação dos alimentos completos e especiais, divididos em específicos e coadjuvantes. Estão detalhados ainda, os corretos valores nutricionais e calóricos de cada tipo de alimento animal, a designação correta dos alimentos, as quantidades a serem ministradas, o uso das expressões "*light*", "*lite*", "*low energie*" e demais similares, além da obrigatoriedade de apresentação no rótulo da embalagem de outras significativas informações para o consumidor.

Quem é o novo grande produtor mundial de aditivos nutricionais

Microvit™

Rhodimet™

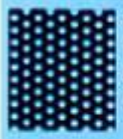
Smartamine™

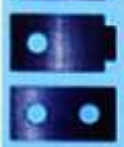
Rovabio™

Governo lança Programa de Ações Afirmativas

Com objetivo de combater as desigualdades e a pobreza, ao mesmo tempo que promove o acesso igual de oportunidades e a inclusão social, o Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA criou o Programa de Ações Afirmativas. Segundo documento do MDA, o momento é propício para colocar o assunto na pauta de discussões do país. "Governo e empresas precisam se unir na realização de um trabalho conjunto para um país mais justo", afirma.

Peneiras e Martelos em barra chata para Moinhos





Na medida exata de sua necessidade, para melhor aproveitamento de seu equipamento. Temos ainda: Chapas perfuradas para seleção de grãos, Telas e tecidos metálicos para filtros e Chapas expandidas para manutenção.

Esta à sua disposição nossa experiência no atendimento aos fabricantes de ração animal e a agroindústria. Consulte-nos.

NOVO Produto: Peneira c/ tratamento CA-6 p/ alta performance de moagem

R: Carlos Gomes, 625 Prédio 1 - Centro
Cordeirópolis / SP - CEP: 13490-000
Fone/Fax: (19) 546-1912
SITE: www.celes.com.br
E-mail: vendas@celes.com.br

Aguardamos seu contato.
CELES METAIS PERFURADOS LTDA.

Ação do SINDIRAÇÕES anula Portaria 31

Falta de diálogo e imposições da União Européia sobre a retirada de aditivos à base de arsenicais e antimonais destinados à alimentação, com a finalidade de promotores de crescimento, resultaram em mais um sério impasse entre o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e a indústria da alimentação animal, representada pelo SINDIRAÇÕES.

Recentemente, a Secretaria de Apoio Rural e Cooperativismo - SARC/MAPA publicou a Portaria 31 proibindo o uso de antimonais e arsenicais, estes conhecidos como ácido 3-Nitro. Esta medida foi tomada pelo Ministério em função de argumentos apresentados por uma indústria do setor, exportadora de frangos para a França. O país europeu proibe a entrada de produtos de continentes que utilizam arsenicais como promotores de crescimento.

Após consultar a União Brasileira de Avicultura - UBA, o MAPA confirmou a proibição com a publicação desta Portaria. Entretanto, o SINDIRAÇÕES, justificando prejuízos à produção de carne brasileira, sobretudo quanto à competitividade dos setores avícola e de suínos, conseguiu anular na Justiça a decisão da Secretaria. Segundo a Medida Cautelar expedida em 10 de abril pela juíza federal da 1ª Vara da SJDF, Solange Salgado, "a referida portaria foi expedida sem observar os princípios que regem a Administração Pública, estando configurado o desvio de finalidade e o abuso de poder".

Esta decisão beneficiou todos os associados do SINDIRAÇÕES e evitou grandes perdas ao produtor brasileiro e à competitividade, já que o ácido 3-Nitro é um poderoso aliado no controle da coccidiose na produção avícola, não utilizado em larga escala e eficaz na melhoria do desempenho animal.

Guerra fiscal afeta linha de produtos "agri"*

A linha de produtos "agri" - rações e insumos - por força do Convênio ICMS-58/2001, que prorroga e altera o Convênio 100/97 do CONFAZ (Conselho Nacional de Secretarias da Fazenda), oferece um tratamento equânime nas operações interestaduais reduzindo em 60% a base de cálculos para o ICMS.

Hoje, a renovação deste Convênio está cada vez mais difícil e polêmica. O SINDIRAÇÕES tem lutado pela sua manutenção, pois ele representa o único subsídio tributário que resta para a agropecuária; a última renovação aconteceu em março de 2002, resultando em uma salvaguarda para o setor até 2005.

Este Convênio também servia de referência para os estados da União aplicarem internamente seus conceitos, dando isenção plena ou diferimento no ICMS. Entretanto, o que vem acontecendo neste momento é que cada estado está fazendo sua própria política tributária. Estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná dão isenção, garantindo competitividade às suas empresas. Já o estado de Goiás, na contra-mão, está obrigando as empresas a estornarem os créditos das entradas das matérias-primas.

Até pouco tempo atrás Minas Gerais estava no mesmo caminho. Especificamente neste caso, em função do Decreto 41.984-10/01, o governo mineiro passou a tributar internamente em 4,8% os produtos "agri", o que poderia representar uma grande inibição da capacidade produtiva do estado. Ação rápida do SINDIRAÇÕES obteve a suspensão deste decreto.

Divulgação dos trabalhos da ASBRAM

A Diretoria tem participado de entrevistas em canais de televisão, produção de artigos para revistas especializadas e proporcionado contribuições a diversas entidades ligadas à cadeia da carne bovina. Fortalecendo a política de comunicação da ASBRAM, os associados podem sugerir contatos ou propor iniciativas através do e-mail: mironegrini@contatoeditora.com.br ou pelo telefone (15) 224-1000. O esforço conjunto dos associados e da Diretoria trará contribuições relevantes para todos os envolvidos na correta suplementação de bovinos, ampliando a satisfação dos clientes e a perspectiva de negócios futuros.

Manual de boas práticas de fabricação

Nossa entidade contribuiu efetivamente com o Sindirações para a finalização do Manual de Boas Práticas de Fabricação, que já se encontra em processo de consulta pública. Trata-se de um instrumento importante para a certificação setorial, das empresas que buscam imprimir qualidade na fabricação dos seus produtos. A aplicação dos conceitos e ações inseridos no MBPF por parte das empresas associadas mostrará ao mercado consumidor a diferenciação que existe na qualidade dos suplementos ofertados.

Padronização dos insumos e metodologias de análise

A ASBRAM está presente nas comissões de Tecnologia e de Métodos Analíticos para a revisão do Compêndio Brasileiro de Alimentação Animal, que será a referência para a utilização de matérias-primas e suas análises. José Eduardo Butolo é o coordenador da Comissão de Tecnologia e Maria Denise Dorizzotti coordena a Comissão de Métodos Analíticos.

Defesa dos interesses dos associados

A ASBRAM está identificando situações de mercado que estão em desacordo com as exigências impostas pela legislação e tem questionado as autoridades competentes em busca da solução. Exemplo dessa iniciativa é a discussão sobre a validade da Taxa de Fiscalização do Ibama e a identificação de Níveis de Contaminantes em Matérias-Primas.

Proteção ao mercado consumidor

A Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais, em parceria com o Sindirações e a Associação Nacional para Difusão de Fontes de Fósforo na Alimentação Animal - ANDIF, está estudando as metodologias práticas e possíveis de diferenciação dos fosfatos alimentares daqueles não alimentares. O objetivo do trabalho conjunto é facilitar a identificação do insumo (fosfato alimentar) pelos pecuaristas, através de simples análise visual.

Apoio ao SIPE 2000

O Sistema Informatizado de Registro Eletrônico de Produtos e Estabelecimentos - SIPE - está se tornando realidade e a ASBRAM tem contribuído para que os registros ocorram de forma rápida e segura. Certamente, é um ítem de melhoria qualitativa do negócio da suplementação, ampliando o leque de benefícios para os clientes das empresas.

SIPE
Sistema Integrado de Registro de Produtos e Estabelecimentos

ASBRAMonline é um informativo da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais - ASBRAM, dirigida aos associados e usuários do setor. Jornalista Responsável: Miro Negrini (MTb 19890/SP). Diagramação e editoração eletrônica: Sandra Negrini - Produzida e editada por Contato Editora Comunicação Integrada. Telfax: (15) 224-1000 / e-mail: faledireto@contatoeditora.com.br

ASBRAMonline

Informativo ASBRAM nº 3 - julho/setembro 2002

Toque Geral

Sintonia com o mercado

A Associação Brasileira da Indústria de Suplementos Minerais - ASBRAM - está trabalhando em várias frentes para colocar o mercado de suplementação de bovinos em destaque no cenário da alimentação animal no Brasil.

Desde o início desta gestão, a entidade tem executado ações que buscam estar em sintonia com as necessidades dos associados bem como atender aos novos desafios impostos pelo mercado. Um dos destaques é o desenvolvimento do "Guia Prático para Suplementação Pecuária" que está sendo produzido por técnicos da indústria com apoio de entidades de pesquisa.

Outros destaques, divulgados neste **ASBRAM**online, é a participação da entidade na confecção do MBPF e nos estudos sobre a padronização dos insumos e metodologias de análise.

Marcos Mantelato
Presidente da ASBRAM

Guia Prático para Suplementação Pecuária

A ASBRAM está desenvolvendo o "Guia Prático para Suplementação Pecuária", com base na experiência de técnicos da indústria, contando com o apoio de entidades de pesquisa. Este será o manual de uso dos pecuaristas e seus administradores de fazenda no dia-a-dia da atividade. A proposta do Guia é apresentar as informações de forma padronizada e tecnicamente correta, servindo de ferramenta para a tomada de decisão quando o assunto for suplementação de bovinos. O projeto está na fase de aprovação de conteúdo, e a ASBRAM espera poder disponibilizá-lo até o final do ano, com previsão de produção de mais de 70.000 cópias. A produção editorial e o projeto visual-gráfico ficará a cargo da Contato Editora, empresa do jornalista Miro Negrini.

Tópicos abordados no Guia:

- ✔ Tendências do consumo (visão de mercado)
- ✔ Aspectos básicos da nutrição de bovinos
- ✔ Requerimentos e deficiências nutricionais
- ✔ Fontes de minerais e biodisponibilidade
- ✔ Mistura
- ✔ Mistura protéico-mineral
- ✔ Núcleos e concentrados
- ✔ Fabricação de suplementos
- ✔ Instalações
- ✔ Sistema de produção de bovinos
- ✔ Consumo
- ✔ Benefícios da suplementação
- ✔ Cuidados especiais (interação genética-nutrição-manejo-saúde animal)
- ✔ Avaliação das misturas (análises laboratoriais)
- ✔ Definições (glossário de termos técnicos e de uso corrente)

Ponha um estande de sua empresa bem no alvo dos negócios do leite e laticínios

NÃO FIQUE DE FORA DO PRINCIPAL EVENTO DE NEGÓCIOS DA CADEIA PRODUTIVA DO LEITE

RESERVE JÁ O SEU ESTANDE NA XI EXPOMILK!

22 a 26/10 de 2002
Centro de Exposições Imigrantes - SP

XI Expomilk

EXPOSIÇÃO NACIONAL DA PECUÁRIA LEITEIRA E FEIRA INTERNACIONAL DA CADEIA PRODUTIVA DO LEITE

Produtos & Serviços para Produtores de Leite

- alimentação e nutrição animal
- armazenagem de alimentos
- bebedouros e cochos
- controle de pragas
- ferramentas
- fertilizantes, adubos e corretivos
- sementes e mudas de pastagem
- higienização do gado e sala de ordenha
- tratores
- máquinas e implementos agrícolas
- materiais cirúrgicos veterinários
- produtos veterinários
- ordenha e refrigeração
- reprodução - sêmen e embriões
- inseminação artificial
- sistemas para identificação de animais
- balanças
- cercas elétricas
- equipamentos para lenação
- veículos utilitários
- financiamento - bancos
- universidades
- órgãos de pesquisa e desenvolvimento
- editoras especializadas

Produtos & Serviços para Laticinistas

- aditivos e ingredientes
- conexões, válvulas e registros sanitários
- tanques processadores
- iogurteiras
- mesas para queijo
- formas para queijo
- equipamentos e insumos para fabricação de queijos, iogurte e manteiga
- embalagem para derivados de leite

Público Alvo - Visitantes

- produtores de leite
- veterinários
- zootecnistas
- agrônomos
- cooperativas
- profissionais ligados à pecuária leiteira
- importadores
- exportadores
- laticinistas
- empresários da indústria de laticínios
- representantes comerciais
- sindicatos rurais
- pesquisadores
- técnicos
- universitários
- professores universitários
- autoridades

Eventos Simultâneos

Veterinária

- II SEMINÁRIO MILKBIZZ TECNOLOGIA TIRA DÚVIDAS DO PRODUTOR
- CLÍNICA VETERINÁRIA COM TRATAMENTO AO VIVO: Inseminação Artificial, Transferência de Embriões, Aplicação de Ultra-som, Tratamento de Cascos, Tratamento do Umbigo em Bezerros, etc.
- SIMPÓSIO ASBIA DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM GADO DE LEITE

Produtores

- II FÓRUM DA CADEIA PRODUTIVA DO LEITE
- V ENCONTRO DE LIDERANÇAS DA PECUÁRIA LEITEIRA
- II VITRINE DE TECNOLOGIAS DO LEITE - EMBRAPA / Gado de Leite - Com funcionamento ao vivo
- 6º SPCAPRI - EXPOSIÇÃO DE CAPRINOS DE SÃO PAULO
- Grandes negócios na exposição, leilões e julgamentos do gado leiteiro

Exposições de Raças Leiteiras

- *XVIII EXPOSIÇÃO NACIONAL DA RAÇA PARDO-SUÍÇO*
- *IX EXPOSIÇÃO INTERESTADUAL DE GIROLANDO*
- *XXI EXPOSIÇÃO NACIONAL DE GADO JERSEY*
- *XXXIV EXPOSIÇÃO BRASILEIRA DE GADO HOLANDÊS*
- *EXPOSIÇÃO BRASILEIRA DE GADO GIR LEITEIRO*

Realização, Organização, Promoção
FEIRAS DE NEGÓCIOS ALCANTARA MACHADO

RESERVA DE ESPAÇOS E INFORMAÇÕES GERAIS:
DIREÇÃO DA XI EXPOMILK
Rua Funchal 538 10º Andar Cj.101 / CEP 04551-060
Vila Olímpia - São Paulo SP
Tel (11)3845.0828 Fax (11)3845.3763
HTTP: //www.expomilk.com.br
e-mail: nesbr@attglobal.net

PATROCINADOR OFICIAL VARIG
APOIO
REALIZAÇÃO URRAFE

APOIO:
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
EMBRAPA - Gado de Leite
SEBRAE-SP
LÁCTEA BRASIL
ANFAL - Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos para Animais
ASBIA: Associação Brasileira de Inseminação Artificial

SECRETARIA DA AGRICULTURA E ABASTECIMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO
ASBRAN: Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais
SINDAN: Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal
SINDIRAÇÕES: Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal
EDITORA MILKBIZZ

Vanice Waldige assume Comissão de Organismos Aquáticos da Anfal

Desde maio deste ano, a Coordenadoria do Comissão de Organismos Aquáticos da Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos para Animais - COAq/ANFAL está sob o comando de Vanice Waldige, zootecnista com MBA em Marketing e Gerente de Produtos de Aqüicultura na Purina. Segundo ela, no atual cenário da aqüicultura, a Comissão pretende focar suas ações para fortalecer a produção de peixes baseada no aumento da produtividade com o uso de modernas tecnologias e na comercialização dos produtos da aqüicultura.

"A indústria de alimentos é capaz de potencializar ações coletivas que tragam ganhos a todos os envolvidos na cadeia produtiva. Para isto, a Comissão já está estruturando ações de difusão de tecnologias para maior produtividade no cultivo de algumas espécies de interesse econômico e também organizando um evento que visa aproximar, principalmente, o segmento de engorda de peixes aos segmentos de beneficiamento, comercialização e distribuição de pescados", diz.

Além da Purina, participam da Comissão de Organismos Aquáticos representantes da Mogiana Alimentos, Nutriara Alimentos, Nutron Alimentos, Rações Fri-Ribe, Socil Guyomarc'h, Total Alimentos e Nicoluzzi Rações.

Ações da COAq

Criada em 1997, a Comissão de Organismos Aquáticos da Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos para Animais - COAq/Anfal, tem como missão acompanhar e desenvolver ações para o segmento de organismos aquáticos. Nas gestões anteriores, foram desenvolvidos trabalhos com o objetivo de divulgar as vantagens do uso de rações comerciais na aqüicultura e difundir o conceito de qualidade aplicado aos alimentos. Dentre outras ações, foi publicado o Manual de Orientação ao Piscicultor, apresentando os números do mercado de piscicultura, a definição dos sistemas de produção e a classificação de rações comerciais de acordo com as exigências nutricionais por espécies de peixes, fase de cultivo e sistemas de criação.

A COAq/Anfal foi responsável também pelo levantamento estatístico de produção e vendas do setor por categoria de consumo.

Restrições ao uso de aditivos é contestada

Desde outubro de 2001, o Sindirações vem lutando para alterar a conceituação de produtos apresentada pela Consulta Pública - nº 6 - da Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA), que define fundamentais aditivos nutricionais como "ingredientes medicamentosos". Após várias reuniões com representantes do Sindirações e do MAPA, o entrave nas negociações ainda persiste.

É fato que as empresas produtoras e os países exportadores de carne e derivados convivem num ambiente de competição crescente, e que um dos fatores mais importantes para a competitividade é a capacidade de produzir a custos baixos. Desta forma, o uso de antimicrobianos como aditivos nutricionais prestam uma contribuição significativa na redução dos custos de produção, devido a quatro fatores: pelo aumento da eficiência na utilização dos nutrientes da ração, por favorecer um crescimento mais rápido, por baixarem a taxa de mortalidadde e pela redução da necessidade de tratamentos terapêuticos contra algumas doenças. Segundo as Notas Explicativas do Sistema Harmonizado - NESH - da Organização Mundial das Aduanas, "os aditivos alimentares são substâncias que asseguram a boa assimilação pelo organismo animal dos elementos hidrocarbonatados, protéicos e minerais. A ausência ou carência destas substâncias ocasiona, na maior parte dos casos, perturbações na saúde animal".

Diante desse quadro, o Sindirações está propondo ao SDA a criação de uma lista positiva de aditivos a serem utilizados na alimentação animal como "nutrientes funcionais" e não ingredientes terapêuticos, evitando assim enormes prejuízos à pecuária nacional. As últimas reuniões aconteceram em 28 e 29 de maio, logo após o fechamento desta edição da revista **Alimentação Animal.**

Em junho, SIPE poderá estar disponível em todo País

Desde 10/05, o SIPE - Sistema Integrado para Registro de Produto e Estabelecimento - está implantado dentro do site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e liberado para registro de produto e estabelecimento na área de alimentação animal, via internet para os estados de Goiás e São Paulo. A implantação para o restante do Brasil está prevista para junho. Os registros pelo sistema antigo foram paralisados no dia 30/04, apesar da ocorrência de protocolos de registro até 14/05, gerando assim pendências de aproximadamente 300 processos para São Paulo e 250 para Goiás. Desde 15/05, as DFAs de São Paulo e Goiás estão recusando protocolos de registro de produto e estabelecimento pelo sistema antigo. O endereço eletrônico para realização do registro via internet é www.agricultura.gov.br/sipe2000 ou 200.252.165.4/sipe2000.

Vantagens do SIPE

Com o novo SIPE, o processo de registro tornou-se totalmente automático, sem nenhum protocolo, papel ou processos. Outras vantagens do novo SIPE são:

- ✔ Parametrização de matéria-prima e produto acabado, permitindo cálculo automático e leitura on line das restrições técnicas e legais;
- ✔ Registro, cancelamento e ativação de estabelecimentos, produtos e matérias-primas, totalmente realizado pelas empresas produtoras, sem interferência direta do MAPA;
- ✔ Solução de pendências restritivas e fiscalização do cumprimento das normas existentes, totalmente realizado pelo MAPA;
- ✔ Resgate automático de produtos e estabelecimentos já registrados;
- ✔ Cancelamento imediato de produtos, à medida que surjam novas regras (em desenvolvimento).

Toda a manutenção e atualização do programa já está contratada pelas entidades patrocinadoras, junto ao desenvolvedor, pelo prazo de um ano. O programa foi contratado pelo Sindirações/Anfal/Asbram/Anfal-Pet e Andif pelo valor de US$ 30 mil junto à empresa paulista BBSiga e doado ao MAPA, através de termo de convênio firmado em dezembro de 2000.

Novas diretrizes para Comissões e GTs

Diagnóstico sobre os Comitês, Comissões e Grupos de Trabalhos existentes no SINDIRAÇÕES e suas parceiras - ANFAL, ANFAL-PET E ASBRAM - feito pelo consultor do Sindicato, José Edson Galvão, demonstrou a necessidade de uma revisão na sistemática de trabalho destas equipes. Identificou-se grupos desenvolvendo trabalhos similares ou outros com trabalhos muito específicos, não se enquadrando ao plano de interesses do SINDIRAÇÕES.

A falta de definições exatas sobre o que são Comitês, Comissões e Grupos de Trabalhos também foi destacado. A nova estrutura deve manter apenas as Comissões e Grupos de Trabalho (extingue-se a utilização de Comitê). Cada Comissão será um órgão consultivo e permanente de suporte para assuntos ou ações do Sindicato e suas parceiras. Os Grupos de Trabalhos serão aqueles indicados pela Diretoria para trabalhos específicos, com prazo de existência definido (veja organograma funcional aprovado).

Toda Comissão ou Grupo de Trabalho será criado após aprovação da Diretoria Executiva, homologando os nomes indicados para sua composição e indicando o nome para sua Coordenação, que deverá ser renovado anualmente. Comissões e GTs devem ter um Regulamento de Funcionamento onde conste missão, atribuição, composição e observações gerais. Tudo isso deve ser acompanhado por um Diretor Executivo ou Setorial para reportar o progresso dos trabalhos junto à Diretoria.

O consultor José Edson está encarregado de implementar, junto aos atuais coordenadores, as ações descritas de acordo com as novas diretrizes.

Organograma Funcional das Comissões e Grupos de Trabalho
ANFAL/ANFAL-PET/ASBRAM/SINDIRAÇÕES

Diretoria Executiva SINDIRAÇÕES

- **Comissão de Recursos Humanos** — Coordenação: João Prior
- **Núcleo Qualidade** — Responsável: Nelson Chachamovitz
  - **Grupo de Trabalho BPF** — Coordenação: Rosemary Bechara
  - **Comissão de Tecnologia** — Coordenação: José Eduardo Butolo
  - **Comissão de Métodos Analíticos** — Coordenação: Maria Denise Dorizzotti
  - **Grupo de Trabalho de Registro de Produtos** — Coordenação: Antonio Carlos da Silveira

Diretoria de Alimentos para Animais de Estimação
- **Comissão Técnica PET** — Coordenação: Ariovaldo Zanni

Diretoria de Rações Comerciais
- **Comissão de Eqüinos** — Coordenação: André Galvão Cintra
- **Comissão de Organismos Aquáticos** — Coordenação: Vanice Waldige
- **Comleite** — Coordenação: Rainer Knoop

Diretoria de Premix
- **Comissão de Uso de Aditivos** — Coordenação: Elzio Leão

Diretoria dos Fabricantes de Suplementos Minerais
- **Paisum (Sistemática para Levantamento Estatístico)** — Coordenação: Sinapse Pesquisa S/C Ltda
- **Comissão Técnica** — Coordenação: a ser definida
- **Grupos de Trabalho** — Coordenação: a ser definida

Diretoria de Suprimentos
- **Comissão de estudos para macro-ingredientes** — Coordenação: a ser definida
- **Comissão de estudos para micro-ingredientes** — Coordenação: a ser definida

Aventis Animal Nutrition chama-se agora ADISSEO.

As mesmas pessoas, os mesmos produtos (vitaminas Microvit™, metioninas Rhodimet™, aminoácidos para ruminantes Smartamine™, e enzimas Rovabio™), e os mesmos serviços, agora com novas perspectivas de desenvolvimento, para que você obtenha resultados que sempre sejam diferenciados.

Milho

Safra deve totalizar 36,4 milhões de toneladas

A safra de milho no período 2001/2002 deverá apresentar uma redução em torno de 1,5 milhão de toneladas em relação ao volume inicial previsto pela Ccompanhia Nacional de Abastecimento - CONAB, o que deverá totalizar 36,4 milhões de toneladas, ficando 5,1 milhões de toneladas inferior à safra 2000/2001.

A demanda encontra-se ao redor de 36 milhões de toneladas. Na melhor das hipóteses, o quadro será de um mercado equilibrado com tendência para a falta do produto, mesmo porque o País deverá exportar algo em torno de 2 milhões de toneladas (previsão da CONAB). No ano passado, foram exportadas mais de 5 milhões de toneladas. Neste ano, de janeiro a abril, já saíram 1,3 milhões de toneladas.

Esta situação provocou a ausência do produto no mercado em plena safra. Os especuladores de plantão acreditam que a demanda estará aquecida durante o ano todo e que o produto deverá ficar equiparado aos preços do grão importado internalizado, ou seja, R$17,50 - posto região de Campinas/SP.

Na última semana de maio, o preço chegou a R$13,50/14,00 em Goiás, que representa R$15,50/16,00 posto em Campinas, com frete e ICMS. Segundo especialistas de mercado, um dos fatores observados na forte especulação dessa commodity é a incerteza sobre o que poderá ocorrer com a safra do sorgo que se inicia: se for boa, o milho poderá recuar; se for fraca, vai se manter em alta. Outros fatores também aqueceram o mercado nos últimos 30 dias: a baixa disponibilidade do farelo de arroz, a diminuição da oferta de farelo de trigo (entrada de farinha importada) e a redução na disponibilidade de sub-produtos de milho.

Na última semana de maio, os preços do produto só não subiram porque houve um "esfriamento" na procura por parte dos produtores de frangos e suínos, que estavam com seus produtos em baixa, fator que motivou a redução de plantel, em detrimento da compra de milho com prejuízo. O preço também não subiu ainda mais devido a oferta de milho no Centro-Oeste com alto teor de ardidos (8 a 10%), com compradores assumindo o risco com redução do preço.

Dois cenários são previstos para o período crítico da entressafra (novembro a janeiro): (1) a falta do produto, forçando a importação, o que custará R$17,50 mais a desvalorização que poderá ocorrer até lá; além do fator custo, o mercado também poderá ter outras dificuldades impostas por entidades ambientalistas em relação ao produto transgênico; (2) a exemplo do que ocorreu no ano 2000 - em que o produto esteve em alta na safra por ter sido muito poupado da pronta comercialização, e ficou mais barato na entressafra com a perspectiva de uma super oferta no ano seguinte -, os especuladores trataram de "desovar" o produto.

Soja

USDA divulga relatório

Apesar do grande volume de informações, o Relatório de Oferta & Demanda divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) no mês passado esteve com as atenções do mercado centradas em dois quadros: na revisão para a soja nos EUA de 2000/2001 e na montagem da primeira estimativa para 2001/2002.

Em ambos os casos, os números divulgados decepcionaram, já que a opção do USDA foi segurar os números de consumo, mantendo os estoques finais em patamares elevados e longe da credibilidade da grande maioria dos analistas privados. Na safra velha, esperava-se aumento na projeção de esmagamento e de exportação, gerando um corte nos estoques bem acima do divulgado. E na safra nova, fica muito difícil imaginar um aumento de apenas 2% no esmagamento e redução de 1% nas exportações.

Segundo análise da Consultoria Safras & Mercados, a sinalização para a nova safra dos EUA continua positiva, apesar das previsões terem gerado alguns movimentos especulativos nos preços, ao indicar que o quadro de chuvas para o verão do Cinturão da Soja e do Milho possa não ser tão regular como se esperava inicialmente.

A alta do mercado está ocorrendo mais pela previsão futura do que pelos fatos. Tanto que a evolução do plantio segue de forma acelerada e bem acima da média para o período. Até o dia 13 de maio já eram 37% as lavouras semeadas, contra 26% da média normal. Esse período foi marcado pela melhora no quadro geral de umidade dos solos, em função da ocorrência de chuvas de esparsas a moderadas em grande parte da região produtora. Exceção feita aos estados de Ohio, no leste do Meio Oeste, e a Mississipi, na região do Delta.

O último destaque vem pelo lado do quadro mundial de produção, onde o USDA também promoveu uma mudança importante: o aumento da projeção para a safra brasileira em 1 milhão de toneladas, corrigindo o volume para 36,5 milhões de toneladas, um patamar mais condizente com a realidade. A Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais - ABIOVE - chegou, na última estimativa, a um volume de 42,2 milhões de toneladas, cerca de 3 milhões de toneladas a mais do que registrado em 2001.

Outra alteração importante foi o corte de 270 mil toneladas na safra da Indonésia, resultando em produção de 1,15 milhão de toneladas, bem abaixo da safra passada. Com isso, o quadro mundial de produção foi alterado para 171,45 milhões/t, consolidando cada vez mais o recorde histórico para a soja e confirmando um aumento sobre o ano passado que já alcança cerca de 12 milhões de toneladas.

O Brasil é responsável por cerca de 22% da produção mundial de soja, sendo o segundo maior produtor e exportador mundial de soja em grão, farelo e óleo de soja. O complexo de soja é um dos principais itens da balança comercial brasileira; as exportações trouxeram ao país 1,1 bilhão a mais de dólares em 2001 em relação ao ano anterior - o volume total foi de 5,3 bilhões de dólares. Segundo estimativas da ABIOVE, a produção de soja irá alcançar 50 milhões de toneladas em 2006.

Aditivo: inimigo ou aliado?

Texto: Miro Negrini
Foto: Imagem Press/Edeson Souza

Não é recente a discussão em torno do uso adequado de antimicrobianos como aditivos melhoradores da eficiência alimentar em animais de produção. É fato que sua aplicação tipificada como elemento nutritivo funcional contribui significativamente na redução dos custos de produção, pela melhor conversão alimentar, por baixarem a taxa de mortalidade e por reduzirem a necessidade de tratamentos terapêuticos contra doenças específicas em geral identificadas nos animais confinados.

Portarias recentes baixadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), proibindo o uso de determinados aditivos - entre eles nicarbazina, arsenicais, nitrovin e furataldona - instalaram mais uma crise entre autoridades governamentais brasileiras e agentes econômicos, um imbróglio iniciado no epicentro da União Européia e cuja missão final é ampliar ainda mais o cerco de barreiras não-tarifárias que comprometem a competividade do País.

A questão, levantada pelos produtores brasileiros, é que as medidas discutíveis tomadas pelo MAPA acabam minando a capacidade zootécnica e econômica de criação em um ambiente industrial. Técnicos do setor afirmam que a retirada de certos aditivos do mercado, sem fundamentação técnico-científica e econômica, implicaria diretamente na anulação do ganho de produtividade obtido na produção de aves e suínos nas últimas 3 décadas. O uso de aditivos na produção nacional de carnes, através de pré-misturas ou premixes, atinge 80% da ração fabricada no Brasil e representa não mais que 10-12% do custo da ração final.

Sem o uso destes elementos nutritivos funcionais, as empresas produtoras de proteína animal podem sofrer uma redução de 8 a 87% na lucratividade, diminuindo a capacidade de competição externa, segundo consta de documento assinado por cinco entidades de peso: Sindicato Nacional da Indústria de produtos para Saúde Animal, Conselho Regional de Medicina Veterinária, Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, Colégio Brasileiro de Nutrição Animal e Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal.

Segurança alimentar

Apesar de recorrente, é falsa a idéia de que os antimicrobianos usados como coadjuvantes alimentares sejam responsáveis pela seleção de bactérias resistentes aos antibióticos em seres humanos e, portanto, prejudicial à saúde do homem. A maioria dos casos de resistência bacteriana em seres humanos é decorrente do uso inadequado ou excessivo de antibióticos prescritos para os próprios seres humanos. Estudos meticulosos conduzidos na França demonstraram que eventuais resíduos de antimicrobianos aditivos alimentares encontrados nos alimentos estão em níveis significativamente inferiores àqueles que poderiam causar algum tipo de problema para a saúde humana.

Os antimicrobianos usados como aditivos nutricionais controlam o número de bactérias indesejáveis presentes no intestino dos animais e auxiliam no equilíbrio bacteriano efetivo da microflora intestinal, beneficiando a flora bacteriana útil ao animal. O efeito disso é o desenvolvimento uniforme e saudável dos animais,

O efeito imediato da suspensão do uso de aditivos é o aumento dos preços para o consumidor, a baixa competitividade dos produtos exportados e, em última análise, a redução da demanda dos produtos de origem animal

Trigo

Área de plantio cresce 13,9%

Segundo levantamento fechado em maio pela Companhia Nacional do Abastecimento - CONAB, a área cultivada do trigo deverá atingir 1.947,2 mil hectares, a maior dos últimos 10 anos. A previsão é de que haja maior oferta de farelo de trigo, terceiro principal componente nas rações, depois do milho e do farelo de soja.

O plantio foi iniciado em meados de abril, em São Paulo e Mato Grosso do Sul. No Paraná, o plantio teve início em 20 de abril e, em face da estiagem, foi prorrogado até 20 de maio. No Rio Grande do Sul, o período de plantio vai de 20 de maio a início de julho, e portanto, a área a ser cultivada poderá sofrer alterações.

Enquanto o USDA prevê queda de 1% na produtividade do trigo de inverno e estima que o País esteja com a menor área plantada dos últimos 85 anos, o governo brasileiro divulga um incremento de 13,9% em nossa área plantada, em relação à safra anterior - resultado do incentivo governamental através do preço mínimo (R$ 285,00/t para os Estados da Região Sul, e de R$ 300,00 para os das Regiões Sudeste e Centro-Oeste), e também às boas perspectivas de comercialização. Considerando as condições climáticas normais, o produção está estimada em 3,8 milhões de toneladas, 19,6% acima da obtida na safra anterior. A safra mundial 2002/2003, estimada pelo USDA, deve evoluir 2,6% e alcançar 595,75 milhões de toneladas.

COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE SAFRAS 2000/2001 e 2001/2002

U.F	Área (em mil ha)			Produção (em mil t)			Produtividade (kg/ha)		
	00/01	01/02	VAR (%)	00/01	01/02	VAR (%)	00/01	01/02	VAR (%)
PR	963.5	1,040.6	8.0	1,912.5	2,185.3	14.3	1,985	2,100	5.8
SC	51.2	61.4	20.0	79.1	104.4	32.0	1,545	1,700	10.0
RS	601.6	703.9	17.0	1,022.7	1,267.0	23.9	1,700	1,800	5.9
Sul	1,616.3	1,805.9	11.7	3,014.3	3,556.7	18.0	1,865	1,969	5.6
MG	5.3	5.3	-	21.2	21.2	-	4,000	4,000	-
SP	19.6	29.0	48.0	43.1	63.8	48.0	2,200	2,200	-
Sudeste	*24.9*	*34.3*	*37.8*	*64.3*	*85.0*	*32.2*	*2,582*	*2,478*	*-4.0*
MG	60.7	92.0	51.6	103.2	156.4	51.6	1,700	1,700	-
GO	7.8	14.5	86.0	10.1	20.3	101.0	1,300	1,400	7.7
DF	0.5	0.5	-	2.3	2.3	-	4,535	4,535	-
C-Oeste	*69.0*	*107.0*	*55.1*	*115.6*	*179.0*	*54.8*	*1,675*	*1,673*	*-0.1*
C-Sul	*1,710.2*	*1,947.2*	*13.9*	*3,194.2*	*3,820.7*	*19.6*	*1,868*	*1,962*	*5.0*
Brasil	*1,710.2*	*1,947.2*	*13.9*	*3,194.2*	*3,820.7*	*19.6*	*1,868*	*1,962*	*5.0*

Fonte: CONAB (mai/02)

sugere a proibição do uso de monensina sódica, flavomicina, avilamicina e salinomicina - deverá sofrer resistência por parte dos produtores europeus pelo efeito negativo que causará em sua competitividade. Resta saber se as autoridades governamentais brasileiras mais uma vez farão prevalecer a tese da precaução, antecipando-se à União Européia e banindo os quatro ionóforos do mercado interno.

A pura e simples retirada de registro ou proibição de uso de aditivos, a pedido ou por pressão de empresas ou governos, sem o adequado embasamento técnico ou econômico, mostra a vulnerabilidade do País. A saída desta posição desconfortável poderia estar na criação de uma Comissão Consultiva de Uso de Aditivos em Alimentação Animal - proposta já encaminhada pelo Sindirações ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - que teria atribuição para analisar as questões polêmicas e demandas empresariais localizadas.

A retirada do produto 3-Nitro solicitada por empresa que tem contratos de venda para a França, acatada pelo governo e revogada por ordem judicial, oferece um bom exemplo da implicação imediata nas exportações brasileiras de medidas restritivas. O mercado francês é o único que mantém restrição de uso de produtos arsenicais como aditivo na alimentação de animais e representa não mais que 2% das vendas externas. No entanto, a portaria ministerial afeta diretamente o total exportado de carne de frango, inclusive quase 27,5% do volume destinado a países europeus.

Situações como esta poderiam ser evitadas. A Comissão Consultiva sugerida pelo Sindirações teria, por exemplo, a incumbência de elaborar uma lista positiva de aditivos e um estudo de impacto econômico semelhante ao da União Européia para o meio de criação brasileiro. Caberia ao órgão, ainda, fazer previsões de retirada de insumos, com objetivos claros de mercado interno e externo, permitindo ao setor adequar-se à nova regulamentação.

Mais problemas

O setor de insumos para a indústria de alimentação animal sofre os efeitos de uma regulamentação de uso e importação desatualizada (1976), esparsa e ambígua que, neste caso, permite outro tipo de confusão: a aplicação aos aditivos para alimentação animal de regulamentos próprios de produtos de uso terapêutico - assunto, inclusive, há muito tempo em análise na consultoria jurídica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Conceitos dúbios reforçam as posições restritivas dos órgãos de controle e fiscalização (leia mais no quadro "Aditivos Funcionais" e na seção "Notícias Sindirações", páginas 6 e 10).

Importações de insumos (2001)

Classes de Produtos	Importação no ano 2001		Impostos de Importação Incidentes em US$
	Volume (kg)	Valores em US$	
Microminerais	4.635.291	5.915.282	307.942
Colina e seus Sais	6.014.889	11.797.051	142.780
Lisina	7.896.779	12.390.523	1.672.721
Metionina Pó	20.375.714	43.526.913	1.090.579
Metionina Líquida	19.033.085	31.054.668	1.086.913
Vitaminas	4.897.682	61.120.724	2.190.689
Antioxidantes e Antifungicos	4.808.141	9.818.732	1.000.999
Coccidiostáticos	2.125.723	32.476.816	910.334
Promotores de Crescimento	27.995.990	55.902.674	2.206.981
Totais	**93.128.056**	**264.003.383**	**10.609.938**

Aditivos Funcionais

A urgência em estabelecer conceitos claros está contemplada na proposta de regulamentação do uso de aditivos funcionais em alimentação de animais apresentado em Bruxelas em março deste ano. O documento dá a seguinte classificação:

- *Aditivos Tecnológicos: preservativos, antioxidantes, emulsificantes, estabilizantes, espessantes, gelificantes, antioglomerantes e reguladores de acidez.*
- *Aditivos Sensoriais: colorantes, aromatizantes e palatabilizantes.*
- *Aditivos Nutricionais: vitaminas, aminoácidos e elementos traço.*
- *Aditivos Zootécnicos: melhoradores da digestibilidade, melhoradores da flora intestinal e promotores de crescimento.*
- *Coccidiostáticos.*

Além disso, entraves aduaneiros, devido à ambigüidade de conceito na classificação dos aditivos importados já por ocasião do registro do produto junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, somados à não observância da norma CPA/02 - que é prática comum em outros setores produtivos -, também são fatos emblemáticos. A simples republicação ou divulgação da CPA/02, que não está sendo observada pelos agentes aduaneiros, no processo de liberação de importações de matérias-primas para consumo próprio pelas empresas do setor, já aliviaria o nó do emaranhado burocrático existente.

O Sindirações, através de sua Diretoria de Premix, está sugerindo a constituição urgente da Comissão Consultiva Permanente sobre Uso de Aditivos em Alimentos para Animais para auxiliar na tomada de decisões restritivas ao uso de determinados aditivos, compatibilizando os interesses do setor produtivo de carnes nacional e do setor exportador. Tomando essas decisões, quando realmente adequadas do ponto de vista técnico e econômico, com a antecedência necessária à adequação do setor produtivo.

a produção de carne, leite, ovos e derivados de alta qualidade e em maior quantidade para os consumidores, a um preço mais justo. O uso de aditivos nutricionais também contribui para o bem-estar animal; e sem apresentar alterações de comportamento.

Até o momento, não existem evidências científicas de que o uso de aditivos em alimentos para animais causem resistência bacteriana. A onda de produtos banidos do mercado, sejam daqueles classificados como promotores de crescimento ou dos coadjuvantes alimentares que melhoram o desempenho animal, está mais baseada em uma postura preventiva por parte das autoridades européias do que por motivos técnico-científicos efetivamente convincentes.

Ao contrário do que se propaga, os aditivos alimentares ou elementos nutritivos "funcionais" são substâncias que asseguram a boa assimilação pelo organismo animal, dos elementos hidrocarbonados, protéicos e minerais - entre eles as vitaminas, os oligoelementos e os antibióticos, segundo consta das Notas Explicativas do Sistema Harmonizado - NESH, da Organização Mundial das Aduanas. A ausência ou carência destas substâncias ocasiona, na maior parte dos casos, pertubações na saúde do animal. "

Para o Sindirações, o que tem ocorrido é uma verdadeira "guerra" de países da União Européia exacerbando restrições ao uso de aditivos na alimentação de animais, o que acaba criando uma situação de inquietação junto aos órgãos de controle e fiscalização do governo brasileiro. Neste aspecto, há por parte da Diretoria de Premix, do Sindirações, um esforço concentrado para alterar essa situação e imprimir alguma racionalidade no encaminhamento do assunto junto ao Ministério da Agricultura.

Impacto econômico

A crescente onda de aditivos proibidos de uso pelo governo brasileiro tem como consequência a queda na produtividade animal e aumento direto nos custos de produção - seja pela necessidade de aplicar alternativas mais caras, ou pela incorporação de manejos antieconômicos.

O efeito imediato é o aumento dos preços para o consumidor, a baixa competitividade dos produtos exportados e, em última análise, a redução da demanda dos produtos de origem animal. São US$ 1,66 bilhão no ano passado, apenas em exportações de suínos e frangos: exportadores brasileiros de carne de frango embarcaram 1,25 milhão de toneladas (18,5% da produção nacional), com receita de US$ 1,3 bilhão; produtores de suínos exportaram 264,5 mil toneladas (US$ 360 milhões).

Apesar da maioria dos aditivos ser importada pelo setor de alimentos para animais (95%), os negócios atingem pouco mais de US$ 264 milhões (veja tabela "Importação de insumos/2001"), incluindo nesse valor a importação de microminerais, aminoácidos, vitaminas, antioxidantes, coccidiostáticos e promotores de crescimento. Observa-se que a utilização de aditivos garante forte valor agregado ao produto de origem animal exportado pelo Brasil.

Dados divulgado no final de março pela Comissão Européia sobre Aditivo para uso em Nutrição Animal (UE) indicavam que a simples retirada de aditivos suplementares na alimentação de suínos causaria um impacto imediato de 8,2% nos custos de produção e um aumento do preço para o consumidor de carne entre 2,5 a 4,3%. A produção de frangos também seria afetada: os custos de produção subiriam 3,44% e o consumidor pagaria de 0,8 a 1,4% a mais sobre o preço da carne.

A informação é indicativa do aumento no custo de produção de suínos, frango e ovos nas condições da Comunidade Européia. Os valores apontados estão abaixo das estimativas da maioria das empresas brasileiras e, portanto, não devem ser aplicados ao mercado interno (detalhes na tabela "Impacto da retirada de aditivos suplementares na alimentação de animais").

Mecanismo de defesa

Até o fechamento desta edição, a reportagem tentou sem sucesso obter da Secretaria de Defesa Agropecuária, do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal e do Departamento de Defesa Animal (todos órgãos ligados ao MAPA) confirmação sobre a existência de algum tipo de levantamento de impacto econômico calculando os efeitos da retirada imediata de aditivos suplementares na alimentação de animais confinados, como fez o órgão regulador da União Européia, em documento divulgado em Bruxelas.

A carência de dados econômicos e a indefinição de políticas claras para o setor no Brasil abre mais espaço para ataques externos.

Para colocar mais água quente na fervura, no final de março circulou a proposta de suspensão gradativa - até 2006 - de quatro ionóforos, ainda aceitos nos países-membros da Comunidade Européia, que poderá afetar indiretamente o mercado de carnes brasileiras (com impacto maior na produção de carne de aves). A tramitação da proposta - que deve levar dois anos e

IMPACTO DA RETIRADA DE ADITIVOS SUPLEMENTARES NA ALIMENTAÇÃO DE ANIMAIS

Espécie	Aumento nos custos de produção	% de animais recebendo promotores	Aumento do preço para o consumidor
Suínos	8,20%	95%	2,5 - 4,3% Carne
Gado de Corte	6%	60%	1,1 - 2,6% Carne
Gado de Leite	4,5%	15%	Nenhuma mudança
Frangos	3,44%	98%	0,8 - 1,4% Carne
Poedeiras	1,18%	65%	0,4 - 0,7% Ovos

Fonte: Regulation of the European Parliament and of the Council on Additives for use in Animal Nutrition (Bruxelas - 22/03/2002)

Colaborou: Antonio Rubega (rubega@guabi.com.br) e Domingos Antero da Silva

Operação da fábrica de ração

Aspectos técnicos e gerenciais na produção de alimentos PET.

Dois pontos reforçam a importância da gestão e operação das fábricas de alimentos balanceados para PET. A primeira, ligada à qualidade, em função dos rigorosos controles sobre procedimentos de fabricação; a segunda, resultante de pesquisas como a do Euromonitor International (EUA) e da Anfal-Pet (Brasil) que não deixam dúvidas: as populações de animais de estimação estão em franco crescimento e seus "donos" desejam um produto cada vez melhor - no conteúdo, na embalagem, na distribuição e no preço.

O mercado de alimentos PET tem sido estimulado pela entrada de novas marcas e fábricas, acirrando a concorrência em todos os segmentos - econômicos, premium, superpremium e intermediários. Esta competição provocou uma verdadeira revolução na essência dos produtos, desde sua qualidade intrínseca até o aspecto visual do produto em si e das embalagens, com vistas à manutenção ou aumento da participação de mercado. Neste ponto, o gerenciamento eficaz da produção é fundamental para manter a empresa competitiva neste mercado.

A qualidade do produto depende do controle efetivo dos parâmetros estabelecidos para cada fase do processo de fabricação, porém a garantia da qualidade precisa nascer no projeto de desenvolvimento do produto, na escolha das matérias-primas e na formulação (nutrição). A partir daí, os controles da produção passam a ser executados como meios de garantir as características formuladas pela nutrição e os aspectos visuais. De maneira geral, o gerenciamento de uma fábrica de produtos para alimentação animal exige controle rigoroso dos processos que garantam sua qualidade final. Comparado ao processo industrial de fabricação de alimentos humanos, a indústria de pet food nada deixa a desejar e se caracteriza por um elevado grau de cuidados e sofisticação.

Comparado ao processo industrial de fabricação de alimentos humanos, a indústria de pet food nada deixa a desejar.

Fases de produção

Primeira fase da operação de uma fábrica de ração, a recepção dos ingredientes deve ser acompanhada de imediato por alguns testes de adequação de granulometria, de presença de impurezas e, no caso de matérias-primas derivadas da indústria da carne, de controle de índice de peróxido (que mede rancidez e acidez provenientes da oxidação do ingrediente e que pode prejudicar a palatabilidade dos produtos finais). A seleção de fornecedores qualificados também contribui para a garantia de manutenção dos níveis de nutrientes presentes nas várias matérias-primas.

A partir da entrada das matérias-primas no ambiente da fábrica começa, efetivamente, o processo de produção. Duas partes importantíssimas deste processo são a dosagem e a mistura. A dosagem deve garantir a adição, no misturador, de cada ingrediente na quantidade exata da formulação. O processo de mistura deve garantir que cada porção de produto mesclado contenha as quantidades exatas de nutrientes calculados na fórmula. Deve também ser padronizado o tempo de movimentação do produto, no misturador, para assegurar homogeneidade da mescla. O item de controle de qualidade de mistura é a apuração periódica do Coeficiente de Variação - CV -, cuja faixa ideal situa-se entre 5 e 9 %. O CV fornece a medida da uniformidade da mistura do produto.

A moagem no processo de fabricação funciona, principalmente, como etapa produtiva que vai garantir a aparência (textura) do produto. Esta aparência melhora proporcionalmente à granulometria mais fina da moagem dos ingredientes. Uma moagem bem feita, na granulometria mais fina, auxilia consideravelmente o cozimento, pela maior superfície de contato com o vapor d'água no condicionamento do produto e na sua extrusão, bem como a expansão do produto e a redução do

teor de finos. Um aspecto, de ordem econômica, é que o custo do consumo dos martelos dos moinhos é significativamente menor do que o desgaste acentuado das partes das extrusoras quando se processa material com granulometria grosseira. Por isso, quanto melhor é a moagem, menor é o desgaste da extrusora.

Na extrusão é que o produto toma o formato projetado. O processo de cozimento de alimentos balanceados (PET) na extrusão exige o controle de parâmetros como adição de água, adição de vapor, temperatura na massa em cozimento que, em conjunto, refletem no grau de gelatinização do amido contido na fórmula utilizada e na densidade do produto final. A densidade do produto é um ítem de controle importante visto que variadas espécies de animais apresentam exigências diferentes - um alimento para gatos tem que apresentar densidade consideravelmente menor que outro que se destina à alimentação de cães.

Outro aspecto relevante é a configuração das roscas da extrusora, pois implica diretamente no atrito mecânico a que o produto é submetido ao transitar pelo interior da extrusora e no calor que, por esse motivo, incorpora ao mesmo. Esta configuração varia de acordo com a formulação do produto - com mais ou menos amido - e afeta sensivelmente a qualidade do cozimento e a produtividade.

Os processos seguintes, de secagem e adição de líquidos complementam o trabalho de elaboração do produto. Nestas fases são igualmente importantes os pontos de controle da qualidade, averiguando e garantindo a secagem conforme especificação, o teor de água livre (water activity) e homogeneidade na distribuição dos líquidos sobre o produto. Nos produtos mix (mais de um tipo de partícula no produto) deve-se controlar as proporções de cada tipo de partícula que compõe este produto, para garantir a homogeneidade em todas as embalagens em que serão acondicionados, independente do seu peso ou tamanho.

A adoção das ferramentas como 5S e BPF (Boas Práticas de Fabricação) dão credibilidade aos controles e garantia da qualidade

Automação, 5S, BPF

Algumas ferramentas gerenciais e técnicas devem ser utilizadas na operação de fábricas de ração, entre elas a automação, que deve ser implantada onde for possível para reduzir ocorrências de erro. Na dosagem, mistura e em adição de líquidos, a automação é fundamental, para garantir a repetibilidade do processo e gerar registro dos eventos durante o processo de fabricação. Esse registro permite, por exemplo, a rastreabilidade do processo de manufatura e, a partir de uma data de fabricação e código de lote de produção de um produto verificado no campo, conhecer os detalhes do que aconteceu na elaboração desse determinado lote.

A adoção das ferramentas como 5S e BPF (Boas Práticas de Fabricação) dão credibilidade aos controles e garantia da qualidade. A melhoria contínua da produtividade, dos custos e mesmo da qualidade deve ser implementada e acompanhada com a adoção de ferramentas como o GDR (Gerenciamento da Rotina) onde ítens de controles são estabelecidos para cada fase do processo, com metas operacionais e gerenciais a serem atingidas.

Outro fator ligado a controles de fabricação, e de grande importância no ambiente competitivo característico do mercado de pet food é o de redução de desperdícios e perdas, somente possível de alcançar com o adequado acompanhamento e controle dos processos de fabricação. Um exemplo de perda é o referente à secagem excessiva dos produtos no decorrer do processo podendo resultar numa redução de umidade em excesso e num consequente balanço de massa negativo - o material resultante é um volume menor do que o inicial.

Meio milhão de eqüinos migram para o esporte

A grande evolução das raças e um consumidor cada vez mais exigente levou o mercado brasileiro de eqüinos a apresentar resultados surpreendentes em termos de comercialização de produtos e serviços, além de uma expressiva valorização nos preços dos animais e crescimento em número de leilões. Verifica-se uma menor progressão no segmento de criação, enquanto a maior expansão aconteceu nas áreas de esporte e lazer: na última década, cerca de 500 mil cavalos migraram para este mercado.

Este fato repercutiu tanto no setor de produtos veterinários quanto no de rações. Produtos orais para tratamento, prevenção ou preparação atlética (vermífugos, suplementos, nutracêuticos e ergogênicos nutricionais) tiveram suas vendas multiplicadas. Nos últimos 5 anos, o mercado de rações cresceu entre 8 a 10%.

Para o médico veterinário Aluisio Marins, reitor da Universidade do Cavalo (Sorocaba/SP), a maior frequência de praticantes de lazer eqüestre revela o potencial do mercado de cavalos direcionado para o turismo. "Existem centenas de prestadores deste serviço no Brasil, movimentando milhões de reais anualmente. As comitivas do Pantanal, as cavalgadas organizadas por associações, as tradicionais romarias das cidades pequenas, são exemplos disso", afirma.

A grande explosão "western" nos anos 90 favoreceu o consumo de artigos e ferramentas para o manejo com cavalos. Equipamentos como selas, freios e protetores, embalados pelos investimentos na importação de animais e pelo crescimento dos rodeios no país, ganharam mercado e alavancaram o surgimento de um indústria country nacional, com produtos de qualidade competitiva aos melhores importados. Hoje, eles custam entre 30 a 50% menos que os similares internacionais.

Principais raças nos leilões

Para se ter uma idéia dos valores que envolveram a comercialização de cavalos em 2001, apenas os leilões oficiais de exemplares PO (puros de origem) do ano passado faturaram aproximadamente R$ 70 milhões. O cavalo árabe, por exemplo, comercializou 278 animais em 10 leilões, rendendo R$ 2.105.243, com média de R$ 7.573. Na raça BH, segundo informações da Associação Brasileira de Criadores do Cavalo de Hipismo - ABCCH, em 2001 foram comercializados 171 animais em 5 leilões, totalizando R$ 2.904.730 - um ótimo resultado para os criadores.

Três raças tiveram valores expressivos em vendas dirigidas, entre elas o cavalo crioulo que ficou em terceiro lugar no ranking de negócios eqüinos: foram vendidos 1.860 animais em 2001, com faturamento de R$ 9.210.453. Cavalos da raça mangalarga marchador tiveram o melhor desempenho comercial no ano passado: os 56 remates atingiram a marca recorde de R$ 21.147.040, com a venda de 2.194 animais PO. A média por animal ficou em R$ 9.638,57. Dados da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Quarto de Milha (ABQM) mostram que os 50 leilões realizados em 2001 fecharam R$ 15.594.339 em negócios, com média de R$ 7.193.

Comercialização de Eqüinos - Leilões 2001 (em R$)

Raça	Animais	Leilões	Faturamento	Média	Máximo
Mangalarga Marchador	2.237	56	21.147.040	9.638	360.000
Quarto de Milha	2.168	50	15.594.339	7.193	180.000
Crioulo	1.860	58	9.210.453	4.935	160.000
Mangalarga	712	24	3.806.321	5.346	92.400
Campolina	325	12	4.201.210	12.927	218.400
Paint Horse	306	11	2.990.480	9.773	131.200
Lusitano	295	10	3.465.950	11.749	160.000
Árabe	278	10	2.105.243	7.573	127.500
Appaloosa	228	11	1.001.090	4.391	30.000
Pampa	186	7	1.255.730	6.751	51.800
Brasileiro de Hipismo	171	5	2.904.730	16.987	126.000
Pantaneiro	52	2	89.280	1.717	3.900

Fonte: DBO Rural

Leite perde terreno para cervejas e refrigerantes

A grande batalha dos produtos lácteos fluidos será travada contra refrigerantes e cervejas, que dispõem de altas verbas publicitárias. Juntos, os dois maiores fabricantes de refrigerantes "cola" gastam entre R$ 350 milhões e R$ 450 milhões em marketing; no mesmo período, uma importante indústria de lácteos desembolsou R$ 25 milhões. Este posicionamento reflete o fraco desempenho da indústria de lácteos frente a seus concorrentes imediatos. Segundo o gerente-geral de marketing de lácteos da Tetra Pak, Luis Guilherme Oliveira, os investimentos em marketing para produtos lácteos no Brasil representam apenas 5,4% da soma dos investimentos em marketing de sucos, chás e refrescos, refrigerantes e cervejas.

O aumento do consumo depende não só do poder de renda, mas de hábito, de distribuição, de políticas sociais, de disponibilidade e oferta e de educação escolar em alimentação saudável. No Brasil, o consumo per capita não registra um pico significativo de aumento desde o biênio 1994-1995. Desde então, o que aconteceu foi uma substituição gradual do leite pasteurizado pelo longa vida. Em 1995, o consumo de pasteurizado foi de 3 bilhões de litros contra 1 bilhão de longa vida; hoje, a situação é inversa: 1,5 bilhão de litros pasteurizados e 4 bilhões em longa vida.

Oliveira critica a desorganização do setor, que fala mal do seu próprio produto. Para o executivo da Tetra Pak os produtores deveriam evitar ataques internos direcionando esforços para a verdadeira concorrência. "Ela não está entre pasteurizado e longa vida, mas entre leite e refrigerantes, sucos e cervejas".

O Brasil ainda não alavancou seu consumo interno de leite, estimado em 139 litros por habitante/ano, bem inferior à recomendação de 215 litros/hab/ano da Organização Mundial da Saúde (OMC).

Recuperando espaço

Fazendo frente à forte competição, a Láctea Brasil prepara-se em 2002 para conquistar associados de outros segmentos, ampliando a participação da indústria de laticínios nos quadros da entidade. A estocada inicial aconteceu em São Paulo, em abril, em um seminário no qual os 50 maiores laticínios brasileiros foram convidados a participar da diretoria de marketing. A associação, que reúne representantes de todos os elos da produção de leite, está tentando fazer essa ponte entre os agentes do setor para garantir maior market share para o leite e seus derivados.

"Nosso objetivo principal é desenvolver o mercado formal", afirma Wiliam Tabchoury, diretor-superintendente da entidade. Por enquanto, a atuação da Láctea se concentra no marketing institucional do leite em escolas (veja box). Com o lançamento da cartilha "Beber Leite é Legal" nos municípios de Lorena e Itupeva, no interior de São Paulo, a entidade deu início ao seu trabalho educacional.

No ano passado, 12 mil crianças tiveram contato com esse programa, que demandou cerca de R$ 25 mil. Já para 2002, o orçamento previsto é de mais de R$ 250 mil, para alcançar 100 mil crianças. Ainda assim, o número de crianças participantes fica abaixo de 1% do total de estudantes que cursam o ensino fundamental. "O ganho é que desde cedo esse público passa a ter noção da importância do leite na alimentação, observando também a questão da qualidade e do perigo do leite informal", observa Tabchoury. A estratégia repete o que foi feito nos EUA: é preciso apresentar o leite à população. E as crianças abrem terreno para uma ação de marketing mais agressiva voltada ao consumo. E as "colas" sabem disso...

Ações e estratégias Láctea Brasil

MARKETING INSTITUCIONAL

a) *Projeto-piloto de Marketing Institucional, desenvolvido no 2º semestre de 2001, nas escolas do ensino fundamental, da rede municipal de Itupeva e Lorena, SP, envolvendo a participação de 12.000 crianças;*

b) *Desenvolvimento da Cartilha "Beber Leite é Super Legal" e site vialactea.org.br, como material de suporte ao projeto de Marketing Institucional nas Escolas;*

c) *Para 2002, a meta é trabalhar com 100.000 crianças. Nove municípios estão praticamente conveniados: Itupeva, Lorena, São Pedro, Águas de São Pedro e Santa Bárbara do Oeste (SP) e Guaxupé, Varginha, Lavras e Alfenas (MG), já totalizando cerca de 50.000 crianças;*

d) *Aumentar os convênios com os municípios, desenvolvendo número maior de atividades extra-classe com os alunos, com a ampliação do número de patrocinadores.*

AÇÕES ESTRATÉGICAS 2002

a) *Reuniões itinerantes nas empresas ou instituições filiadas (75% do total);*

b) *Filiação da Indústria de Laticínios;*

c) *Crescimento em 60% na Contribuição Associativa;*

d) *Marketing Institucional com 100.000 crianças;*

e) *Profissionalização da Expomilk.*

Fonte: www.lacteabrasil.org.br

Rastreabilidade abre novos mercados para carne brasileira

As perspectivas para a carne brasileira em 2002 são otimistas. O desempenho do setor de pecuária dependerá, basicamente, de ações para a manutenção dos novos mercados conquistados para as carnes bovina, suína e de aves, como Chile, Israel, Irã, Arábia Saudita e Egito. Na avaliação do presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA Brasil), Antônio Ernesto de Salvo, o País tem todas as condições de assumir a liderança no comércio mundial de carne bovina, oferecendo aos consumidores internacionais um produto de qualidade a preços acessíveis. "Para isso, programas como o de rastreabilidade e o de Promoção da Carne Bovina Brasileira no Exterior serão fundamentais", esclarece.

A liderança pode não chegar nos próximos 5 ou 10 anos. Mesmo a CNA Brasil evita especular sobre o real crescimento no setor de corte. Há, entretanto, espaço para uma expansão potencial em 5 anos, que somaria mais 2 milhões de toneladas na produção de carne. Segundo de Salvo, o aumento de produção poderia ser significativo se o País aumentasse de 20% para 25% a atual taxa de desfrute nas propriedades, sem jogar com um provável aumento do rebanho nacional - uma injeção de estoque com efeitos mais lentos.

A implantação do Sistema Brasileiro de Identificação de Origem Bovina e Bubalina - SISBOV, definida pelo governo no início do ano, repercutiu positivamente nos mercados compradores. Essa medida, porém, já esbarra na primeira dificuldade: o mercado brasileiro deveria estar pronto, em junho de 2002, para atender o prazo inicial imposto pela União Européia - meta que já se sabe não será cumprida (leia mais no box "Implantação gradual").

Existem sinais, porém, de um potencial aumento das exportações de carne nacional e a conquista de novos mercados para o produto - neste caso menos exigentes do que a Europa Ocidental. A avaliação é do coordenador do Fórum Permanente de Pecuária de Corte da CNA Brasil, Antenor Nogueira, que participou da elaboração das normas do programa de rastreabilidade, oficializado pelo Governo. Para ele, há mercados importantes que o Brasil deverá disputar, como a China, a Rússia e os países do Leste Europeu. "A Rússia, por exemplo, já acertou para este ano a importação de 180 mil toneladas de carne bovina brasileira", relata.

A partir dos números acumulados no primeiro trimestre, divulgados pela Secex, observa-se que a carne industrializada participou com 38,45% do volume embarcado (em equivalente carcaça), resultando em 25,51% dos US$ 263 milhões auferidos com as vendas externas, no período. A carne in natura (congelada e resfriada) - que totaliza as carnes com osso e sem osso, miúdos e salgadas - registrou 61,55% restantes, em termos quantitativos, e 74,49% da receita total.

Supondo que seja mantido o desempenho do 1º trimestre - tanto em volume, como em preços médios (US$ 816/ tonelada para a carne industrializada e US$ 1.487/ tonelada para a carne in natura) - o País poderá faturar US$ 1,052 bilhão com a exportação de carne bovina em 2002, representando acréscimo de 2,9% sobre a receita de 2001 e volume de 856 mil toneladas em equivalente carcaça, isto é, mais 4,15% sobre o número final do ano passado.

Antenor Nogueira destaca que várias reivindicações do setor privado foram incorporadas ao Sisbov, como a adesão voluntária dos pecuaristas e a identificação dos animais por propriedade. "No primeiro momento, é importante não haver obrigatoriedade, já que os custos para os pecuaristas serão muito altos", explica. Nos cálculos da CNA Brasil, o custo com a rastreabilidade dos rebanhos deverá ficar em torno de R$ 1 bilhão até 2007, prazo para que todos as regiões brasileiras estejam integradas ao sistema. Este investimento será no início menor já que na implantação primária é prevista a identificação dos animais por propriedade: os pecuaristas com mais de uma fazenda poderão adotar o sistema de rastreabilidade gradualmente.

Implantação gradual

Exigência da União Européia para os países dos quais importa carne, o programa de rastreabilidade brasileiro prevê a identificação individual dos animais, do nascimento ao abate, com informações sobre morte natural ou acidental, propriedade de origem, sistema de criação e alimentação, movimentações ocorridas e dados sanitários. A implantação do sistema será gradual: até junho de 2002 no caso dos frigoríficos e criadores que exportam para a União Européia; dezembro de 2003 nas exportações destinadas a países fora desse bloco econômico; dezembro de 2005 para os criadores em regiões livres de febre aftosa, ou em processo de declaração; e dezembro de 2007 nas demais regiões.

Nos cálculos da CNA Brasil, o custo com a rastreabilidade dos rebanhos deverá ficar em torno de R$ 1 bilhão até 2007, prazo para que todas as regiões brasileiras estejam integradas ao sistema

veram um crescimento de 15% em dez países pesquisados, chegando a 164,8 milhões em 1999. Os maiores índices vieram da China, onde estão 40% das aves, seguidos pelo Japão e Indonésia (tabela 4). O declínio do número de aves foi marcante no Brasil, Austrália e Rússia. As aves foram a única espécie a ter sua população caseira reduzida nos EUA no período de 1995 a 1999.

Numericamente, a maior categoria de bichos de estimação é a dos peixes. Em dez dos países em estudo existiam, em 1999, aproximadamente 421,4 milhões destes animais (aumento de 11,6% em relação a 1995). Quase 50% deles estão em lares americanos ou chineses. Na China sua popularidade aumentou mais de 20% nos cinco anos do período de 95 a 99. Um aumento significativo também ocorreu na França, EUA e Itália desde então. Mas, em outros importantes mercados, como Alemanha, Japão e Reino Unido, o crescimento registrado foi inferior ao da média dos dez países.

Répteis representam os mais exóticos, menores e, em alguns países, a categoria que mais cresceu nos últimos anos (tabela 4). Essa tendência pode ser constatada até na Rússia, onde foi a única categoria a apresentar algum crescimento entre 1995 e 1999.

Um aumento significativo da porcentagem de répteis também foi observado na Itália, Reino Unido e China. Apenas na Austrália os répteis tiveram um índice negativo. Apesar do grande aumento no interesse por eles, os répteis totalizaram apenas 17,5 milhões em 1999, ou pouco mais de 1% de todos os bichos de estimação.

Pequenos mamíferos representam uma crescente, porém ainda muito pequena, parcela de animais caseiros. A maior parte, mais de 1/3, encontra-se nos EUA. Índices relativamente altos foram constatados também na Alemanha, Rússia e Reino Unido.

Tabela 4 - Número total outros animais de estimaçãopor mercado pesquisado (*Fonte: Euromonitor*).

Outros Animais de Estimação

Pássaros		Répteis	
China	65.9	Estados Unidos	7.7
Japão	18.8	Rússia	4.5
Estados Unidos	15.8	Reino Unido	1.7
Brasil	14.2	França	1.1
Itália	12.0	Itália	1.1
Indonésia	11.9	China	0.6
Turquia	.2	Espanha	0.2
França	7.1	Canadá	0.19
Austrália	6.8	Tailândia	0.19
Espanha	5.1	Austrália	0.17
Total	**164.8**	**Total**	**17.45**
Peixes		**Pequenos Mamíferos**	
China	106.6	Estados Unidos	13.1
Estados Unidos	101.9	Alemanha	4.6
Alemanha	0.0	Rússia	4.5
Japão	36.4	Reino Unido	3.7
Reino Unido	29.9	Japão	2.8
Itália	28.0	França	1.8
França	26.6	China	1.5
Rússia	20.5	Itália	1.2
Austrália	12.2	Canadá	1.1
Suécia	9.3	Espanha	1.0
Total	**421.4**	**Total**	**35.3**

Fonte: Anthony Irwin - Petfood Industry - Maio/2002 • Tradução: Marcos Dollerer

População PET ultrapassa 1 bilhão

Imagem Press Agência de Fotografia

Em 1999, o número estimado de animais de estimação alcançava 1,05 bilhão (incluindo peixes), habitando lares de pessoas em 15 países - um aumento de 9,2% em relação a 1995 (tabela 1). O número de bichinhos aumentou em 11 destes 15 países, sendo que o maior crescimento ocorreu na Turquia (quase 56%). E nos quatro mercados onde esse número caiu, a maior queda ocorreu na "economicamente afetada" Rússia. Uma comparação completa por tipo de animal é difícil por falta de registros em alguns países.

Dados levantados pelo Euromonitor International (EUA) sugerem que os répteis, o menor grupo entre os seis determinados, teve a maior porcentagem de crescimento no período citado - um aumento de 50%, constatado em 10 dos 15 mercados, formando uma população de 17,5 milhões de exemplares (tabela 4). A população de pássaros também aumentou, em torno de 15% nestes 10 países (de 143,1 milhões para 164,8 milhões). Já o total de peixes decresceu em 11,6%.

A posse de pequenos mamíferos subiu pouco menos de 11% enquanto o número de gatos domésticos teve expansão em torno de 10% (tabela 3). Entre 1995 e 1999, o número de cães nos 20 mercados pesquisados cresceu cerca de 4% (tabela 2).

População de cães

Por volta de 202,4 milhões de cachorros habitavam os lares de pessoas em 20 países no ano de 1999. Desta população, mais de 25% estavam nos EUA, seguidos pelo Brasil, com 11%. Esses números podem ser confirmados quando se analisa as vendas de comida canina. Em 1999, 34,5% de toda ração foi vendida nos EUA; no Brasil, 10%.

O número de cães cresceu mais rápido entre 1995 e 1999 na Romênia (por volta de 49,7%), Tailândia (cresceu 52,8%) e África do Sul (aumento de 25,8%). Por outro lado a maior queda ocorreu na Rússia - 50% desde 1995. Os números na Rússia foram afetados pela situação econômica do país e não devem melhorar nos próximos anos.

População de gatos

O número de gatos de estimação aumentou em quase 9% nos vinte países pesquisados, atingindo o total de 221,2 milhões. Os felinos são maioria em quase todos os países, com maior diferença nos mercados asiáticos: China, Japão, Indonésia e Tailândia (tabela 3). A queda mais significativa novamente ocorreu na Rússia.

Gatos ultrapassaram os cachorros em muitos dos países, inclusive nos EUA, onde eles são 25% a mais que os cães. Na China, existe quase uma vez e meia mais gatos que cães, e na Rússia eles os superam em 30%. Em oposição a esta tendência, no Brasil e no Japão os cachorros ainda são maioria.

Outros animais

Outros tipos de animais foram pesquisados e incluem aves, peixes, répteis e pequenos mamíferos. As aves ti-

Tabela 1 - Número total de animais de estimação por mercado pesquisado (*Fonte: Euromonitor*).

Total de Animais de Estimação 1999 (em milhões)			
Estados Unidos	269.5	Reino Unido	52.5
China	240.8	Austrália	25.7
Japão	75.1	Polônia	21.4
Alemanha	71.3	Filipinas	21.0
Itália	55.6	Canadá	20.0
Brasil	54.1	Turquia	17.9
Rússia	53.9	Ucrânia	7.3
França	53.4		
Total	1,049.5		

Tabela 2 - Número total de cães por mercado pesquisado (*Fonte: Euromonitor*).

População de Cães 1999 (em milhões)			
Estados Unidos	58.5	Filipinas	5.7
Brasil	23.0	Ucrânia	5.5
China	19.4	Alemanha	5.2
Japão	9.6	Romênia	5.2
Rússia	9.4	Índia	4.8
França	8.1	Tailândia	4.6
África do Sul	7.8	México	4.6
Polônia	7.4	Canadá	3.8
Reino Unido	6.7	Espanha	3.5
Itália	6.3	Argentina	3.3
Total	202.4		

Tabela 3 - Número total de gatos por mercado pesquisado (*Fonte: Euromonitor*).

População de Gatos (em milhões)			
Estados Unidos	72.6	Filipinas	6.4
China	46.8	Polônia	5.4
Rússia	12.5	Canadá	4.8
Brasil	10.0	Índia	3.9
França	8.7	Espanha	2.8
Reino Unido	7.7	Austrália	2.7
Japão	7.5	Holanda	2.3
Ucrânia	7.2	Hungria	2.2
Itália	7.0	Romênia	2.1
Alemanha	6.5	Tailândia	2.1
Total	221.2		

Crise gera investigação no setor

divulgação

O mercado de suíno vivo, contrariando as expectativas positivas tidas ao final de 2001, manteve-se em forte pressão de baixa. Sobram animais no campo e industrializados nos frigoríficos. O baixo desempenho das vendas no mercado interno e a queda nos preços internacionais são os principais responsáveis por este panorama. O quadro tornou-se mais grave devido à forte pressão sobre os custos, em razão do encarecimento dos preços do milho. Neste momento, cresce o número de suinocultores que operam no vermelho. De acordo com vários analistas consultados, a oferta elevou-se muito rapidamente e as exportações não têm sido suficientes para enxugar os excedentes internos.

Este panorama deve persistir nos próximos meses, sobretudo pelo aumento esperado na oferta, com possibilidade de novos recuos de preços. Situação perniciosa para os suinocultores, pois a combinação de preços em baixa com aumento de custos apressa o comprometimento das margens de lucro. Como a reação esperada nas vendas a partir de abril não aconteceu, muitos agentes estão descrentes quanto à recuperação dos preços e das vendas no primeiro semestre.

CPI dos Suínos

A Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS) já conta com o apoio de cinco estados - MG, GO, SC, PR e RS - para a criação da CPI que irá investigar os preços no setor. No início de maio, o produtor recebeu R$ 1,12 pelo quilo contra R$ 1,15 do final de abril. Segundo José Adão Braun, presidente da ABCS, o preço justo pelo quilo vivo deveria ser de R$1,50. "Não se vislumbra a curto prazo reversão do quadro. O mais apavorante é que também há um represamento de animais nas propriedades", alerta.

O Sindicato da Indústria de Carne Suína do Rio Grande do Sul tem pronto documento mostrando que os frigoríficos também estão em dificuldades, garante o presidente, Daltro Giacomazzi. "Estamos trabalhando no vermelho. As exportações estão em baixa, pressionando o mercado interno e provocando queda nos preços". A indústria, reforça o dirigente, está aberta para fornecer os dados do segmento para a CPI.

Braun está convencido que as CPIs são alternativas para apurar a 'exploração' aos produtores. Citou como exemplo a comissão de inquérito do leite. Com base nas conclusões de Minas Gerais e Goiás, a Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça investiga abuso de poder e formação de cartel. "Não há mais gordura nem fôlego para continuarmos assim. Os prejuízos são muito grandes, assegurou.

Volumes exportados estão em alta

Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína - Abipecs, no acumulado do 1º bimestre de 2002, as exportações apresentaram excelente crescimento, somando 48.885 toneladas embarcadas, alta de 97,18% sobre os dois primeiros meses de 2001.

A média de preço ficou em US$ 1,171/tonelada - 14,08% menor que a obtida no 1º bimestre de 2001 (US$ 1,363/tonelada). Pela evolução das exportações brasileiras nos últimos meses, a Rússia consolidou-se como principal mercado dos produtos nacionais: no 1º bimestre do ano anterior, as exportações russas representavam 35% do total; hoje, representam 80%.

Para Claudio Martins, diretor da Abipecs, a queda dos preços decorre da concentração enorme no mercado russo. "Como não temos mercados alternativos, as vendas estão centradas na Rússia", reconhece. A situação não deve mudar, pois a esperada abertura da Europa à carne suína brasileira não deve sair em 2002.

Os exportadores de carne suína já se mobilizam. Conforme o presidente da Abipecs, Felipe Luz Sabrinho, o setor vai definir um preço de referência para o produto na exportação. "Não podemos aviltar o mercado", diz. Hoje, há exportadores vendendo a tonelada a US$850, quando o custo de produção "nunca fica abaixo de US$ 950".

Mercado avícola vive indefinição

Imagem Press Agência de Fotografia

De acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o Brasil respondeu por pouco mais de 18% das vendas internacionais de carne de frango no ano passado. O Oriente Médio foi o principal destino do frango brasileiro, com uma parcela de 36% do volume embarcado. A maior parte das exportações de frango foi na versão congelada, fresca ou refrigerada (inclusive miúdos), que respondeu por US$ 1,29 bilhão do total da receita em 2001.

No ano passado, as exportações brasileiras de carne de frango ficaram em1,26 milhão de toneladas, o que representou um incremento de 37,54% sobre o volume embarcado em 2000. O ganho expressivo, contudo, resultou muito mais de uma conjuntura do mercado - problemas sanitários nos concorrentes e clientes e desvalorização do real - do que de uma estratégia de venda do setor.

Agora, com o demanda internacional mais modesta que em 2001, a ausência de uma estratégia no setor mostra seus efeitos: o mercado está sobreofertado e os preços, em queda. Grande parte da pressão resulta da maior oferta das próprias empresas brasileiras no mercado externo. Até o Ministro da Agricultura, Pratini de Moraes, levantou a questão em recente encontro com exportadores do setor em São Paulo. Ele defendeu "políticas de melhoria de preços no exterior" e exortou as indústrias a evitarem "práticas predatórias". Em outras palavras: uma enxurrada de ofertas no mercado externo. Segundo Pratini, estas práticas geram menos receita e deixam o país sujeito a ações antidumping.

Cláudio Martins, diretor-executivo da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frango (Abef), afirma que a queda dos preços médios do frango, de 5,53% no primeiro trimestre deste ano, resulta também da volta da China e Tailândia ao mercado. "Em 2001, os dois países, que fornecem grandes volumes ao Japão, ficaram temporariamente fora do mercado por problemas sanitários", argumenta.

Exportação cresce 8% no 1º trimestre

Apesar do panorama incerto, as exportações brasileiras de carne de frango aumentaram 7,7% nos primeiros três meses de 2002: saltaram para US$ 311,7 milhões em relação aos US$ 289,3 milhões registrados no mesmo período de 2001. Em volume, os embarques somaram 322,3 mil toneladas, aumento de 17,56% em relação ao primeiro trimestre do ano passado, informa a Abef.

As receitas cambiais só não foram maiores porque os preços médios do frango no mercado internacional caíram, como reflexo da retomada de mercados importantes, como a China e Tailândia. "Os preços médios da carne de frango brasileira caíram 7,2% no trimestre, em relação ao mesmo período de 2001, para atuais US$ 967 por tonelada frente aos US$ 1.042 do ano passado", contabiliza Martins.

Os números indicam que a produção anual deverá superar os 7,0 milhões de toneladas e, dificilmente, as exportações e o consumo interno atingirão um volume superior a 1,4 milhão de toneladas e 5,74 milhão de toneladas, respectivamente. Apesar disso, as exportações continuam sendo o principal fator de sustentação das vendas, já que no mercado interno a situação está mais complicada: a produção aumentou, o consumidor anda longe das gôndolas dos supermercados e o mercado externo perdeu grande parte de sua euforia. Martins acrescenta ainda a elevação dos custos, o câmbio menos favorável e a queda dos preços internacionais.

Para muitos produtores, se medidas corretivas não forem equacionadas, o pior ainda está por vir. Como a paranóia européia sobre vaca louca e febre aftosa já passou e a oferta mundial aumentou, os principais importadores podem escolher fornecedores, colocar mais exigências de segurança alimentar e barganhar preços. Justamente este maior rigor na hora de comprar reduz o fluxo dos embarques, afetando todo o planejamento da produção e comercialização.

Em razão disso, cresce entre os empresários do setor a intenção de adotar medidas que permitam adequar a produção à realidade do mercado. A negociação está apenas começando. Há dificuldades em levar a bom termo esta intenção, seja pela necessidade de garantir a sobrevivência dos negócios, seja pela preocupação com a garantia do abastecimento nacional de um produto que se tornou de consumo popular.

Carcinicultura: potencial econômico é estimado em US$ 21 bi

O Brasil, embora se destaque por ter a mais alta produtividade/ha/ano entre os principais países produtores (5.000 kg/ha/ano), capenga em volume produzido, considerado incipiente em relação ao imenso território. Dados de 1998 mostram que Honduras, com aproximadamente 200 km de litoral no Pacífico, tinha 14.000 ha em produção. Já o Equador, com uma extensão de litoral de 850 km, explorava 160.000 ha. E o Brasil, com 8.500 km de litoral, produzia em parcos 4.200 ha. Considerando a produtividade média brasileira, o preço internacional do camarão congelado e uma concentração proporcional à extensão do litoral brasileiro, a atividade tem um potencial na geração de divisas da ordem de US$ 21 bilhões. Segundo Raúl Malvino Madrid, engenheiro de alimentos e coordenador da Plataforma Tecnológica do Cultivo de Camarão Marinho do DPA/SARC/MAPA, o governo trabalha com uma meta bem mais conservadora: o mercado nacional deve faturar algo próximo de US$ 1,1 bilhão em 2003.

"A potencialidade do Nordeste para a carcinicultura marinha não está presente apenas nos programas e plataformas elaborados pelo DPA/SARC/MAPA e pela ABCC - Associação Brasileira dos Criadores de Camarão, mas também consta nos resultados em estudos da Fundação Getúlio Vargas e Grupo Monitor", revela Madrid.

"Estas projeções podem acontecer caso a legislação que está sendo elaborada pelo CONAMA não seja muito restritiva e se os governos derem o apoio efetivo, similar ao ocorrido para outras atividades do agronegócio, como por exemplo a fruticultura", alerta Josemar Rodrigues, consultor técnico da ABCC - Associação Brasileira dos Criadores de Camarão.

Quase 50% das exportações brasileiras de camarão cultivado - que geraram US$ 108 milhões de divisas no ano passado - foram para os EUA (US$ 52,95 milhões). Os ianques consumiram 9.322 toneladas, equivalente a 2,33% do que importaram de diversas partes do mundo (400.336 toneladas), desembolsando 3,63 bilhões de dólares.

Alguns analistas mundiais, entretanto, concordam que o setor pesqueiro em 2001 sofreu seu pior ano. "Países como a Indonésia deixaram de produzir camarão cultivado pois os preços de venda não cobriam os custos de produção", lembra Madrid. O Sistema Geral de Preferência, da União Européia, estabeleceu taxas menores para compra da espécie Litopenaeus vannamei (espécie muito cultivada no Pacífico e no Brasil), o que reduziu, em parte, a competitividade do camarão brasileiro e dos concorrentes internacionais.

Prejuízo equivalente é apontado pelo consultor da ABCC: a falta de apoio governamental permitiu que empresas como a Empress International Ltd. fosse responsável pela aquisição de quase 60% das exportações brasileiras de camarão cultivado, manipulando preços. A organização, que está em 15º lugar no ranking de empresas de seafood americanas, teve um faturamento de US$ 200 milhões em 2001. Segundo a ABCC, a Empress "financiou" o capital de giro de uma parte significativa dos produtores/exportadores brasileiros, o que retira a barganha quando do momento da venda, impondo tabelas de preços que muitas vezes não são interessantes nem para o exportador, nem para o Brasil.

Produção Brasileira (mil toneladas)		
Nordeste	97%	24.270
Sul	2,2%	550
Norte	0,56%	140
Sudeste	0,36%	40

Fonte: DPA / SARC / MAPA

Principais Importadores (mil toneladas)	
Europa	493
EUA	345
Japão	243
Ásia	170

Fonte: DPA / SARC / MAPA

Exportação Brasileira (US$ milhões)	
1999	14,20
2000	71,50
2001	108,00

Fonte: DPA / SARC / MAPA

Atividade em pleno movimento

A carcinicultura marinha brasileira vem passando por uma grande transformação nas últimas décadas, onde o amadorismo que caracterizou as suas atividades nas décadas de 70 e 80 vem sendo substituído pelo profissionalismo, cuja ênfase é o planejamento administrativo e a adoção de tecnologias em todas as fases do seu processo produtivo.

O principal vetor que vem contribuindo para a correção de rumo e consequente retomada do crescimento da carcinicultura brasileira foi a acertada opção pela espécie Penaeus vannamei, como espécie principal no sistema semi-intensivo, atualmente utilizada pela maioria das fazendas de camarão do Brasil.

E especialmente na sua Região Nordeste, o País detêm um imensurável potencial natural, altamente propício a exploração da atividade de carcinicultura. Além disso, possui em toda sua faixa costeira uma razoável rede de infra-estrutura básica que contribui para o crescimento vem apresentando, pelo setor na presente década.

Quase 50% das exportações brasileiras de camarão cultivado - que geraram US$ 108 milhões no ano passado - foram para os EUA (US$ 52,95 milhões).

Ferraz monta fábrica de pet food em MG

A Ferraz Máquinas e Engenharia, instalada em Ribeirão Preto/SP, concluiu a montagem da nova unidade de fabricação de produtos para pet food do Grupo Matsuda em São Sebastião do Paraíso/MG. A nova fábrica será responsável pela produção de rações extrusadas para pequenos animais e peixes - mercado que recebe maior atenção da Ferraz Máquinas, empresa nacional especializada em máquinas e equipamentos desde 1970.

Sistema MIST Prime Tech

A Prime Tech Sistemas de Climatização (São Paulo/SP), empresa brasileira especializada em climatização de ambientes abertos e fechados, coloca no mercado o Sistema Mist - equipamento composto por um módulo de alta pressão, dutos flexíveis e micro-aspersores que atomizam a água, formando uma fina névoa que evapora rapidamente e baixa a temperatura sem molhar o ambiente.

Segundo o fabricante, o Mist não exige mudanças na estrutura física do local a ser climatizado e nem interfere em sua aparência estética.

É econômico, limpo e natural. Necessita apenas de água potável e energia elétrica. Produz excelentes resultados no resfriamento de ambientes - redução de até 12°C - na umidificação de ambientes e produtos, bem como na melhoria da qualidade do ar, pelo assentamento de pó em suspensão e eliminação de odores.

A Prime Tech atua no mercado desde 1994 e é pioneira no desenvolvimento de sistemas evaporativos de climatização no país, possuindo mais de 1.000 instalações realizadas no Brasil, Mercosul e EUA.

Notas

Consultoria em RH

Ex-gerente de RH da Socil Guyomarc'h, onde esteve por 12 anos, e economista formado pela Universidade São Judas (SP), Ildeu Alves Pereira está com novos planos para a carreira: a partir desse segundo semestre, o profissional ativa sua empresa de consultoria em recursos humanos. Ildeu, que é professor da disciplina Administração de RH na UniCastelo, em Descalvado/SP, oferece atendimento personalizado tanto no diagnóstico de problemas quanto na operacionalização de sistemas para recursos humanos. Contatos pelo telefone (16) 270-8432 ou e-mail: ildeupereira@aol.com.

Especialista em cães e gatos

Profissional qualificado para indústria de alimentação animal, com especialização em produtos para cães e gatos, oferece serviço para áreas de desenvolvimento de produtos e/ou marketing. Contatos pelos telefones (11) 9649 7840 ou (11) 4587 4160.

Oportunidade

Vende-se ou aluga-se propriedade com estrutura pronta para criação e abate de peixes em Caraguatatuba/SP. Tanques em alvenaria. Abatedouro de 1ª qualidade. Mais informações: www.pondfish.com.br ou com Marco Chaddoud nos telefones (12) 422-3697 ou (12) 9766-5280.

Agenda

Fispal 2002 - Feira Internacional de Tecnologia e Embalagem para a Indústria Alimentícia - 18 a 21 de junho, Centro de Exposições do Anhembi, São Paulo/SP. Informações (11) 3759-7178 ou www.fispal.com

XXIII Congresso Brasileiro de Clínicos Veterinários de Pequenos Animais - 20 a 23 de junho, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília/DF. Informações (61) 328-6912 ou www.anclivepa.com.br

ASTA Annual Convention (American Seed Trade Assn.)- 23 a 26 de junho, Westin Copley Place - Boston, MA/EUA. www.amseed.org

43ª Festa do Ovo de Bastos - 19 a 21 de julho, Recinto Permanente de Exposições Kisuke Watanabe, Bastos/SP. Informações (14) 445-1600.

II Simpósio sobre Ingredientes na Alimentação Animal - 7 a 9 de agosto, Centro de Convenções de Uberlândia (MG). Informações (19) 3232-7518.

Petfood Forum Europe 2002 - 30 de setembro a 2 de outubro, Grand Hotel Krasnapolsky, Amsterdã, Holanda E-mail: riddle@wattmm.com

Congresso Latinoamericano de Suinocultura, 3° Congresso de Suinocultura do Mercosul, 9° Congresso da Alvec (Associação Latina de Veterinários Especialistas em Suínos), Pork Expo 2002 -16 a 18 de outubro, Foz do Iguaçu/PR. Site: www.porkeventos.com

Food Industry Productivity Convention & Expo (Food Distributors International - FDI) - 20 a 23 de outubro Georgia World Congress Center, Atlanta, EUA - bernadet@fdi.org Site: www.fdi.org

Simpósio sobre Nutrição Animal e Tecnologia da Produção de Rações - 27 a 29 de novembro, Auditório do IAC, Campinas/SP. Site: www.cbna.com.br

32° Soybean Seed and 57° Corn & Sorghum (ASTA - The American Seed Trade Assn.) - 11 a 13 de dezembro, Chicago, IL/EUA. www.amseed.org

A qualidade do gado brasileiro

Marcus Vinícius Pratini de Moraes

Ex-ministro da Indústria e Comércio e de Minas e Energia, deputado federal pelo RS (83/87 e 91/94) e ex-presidente da AEB - Associação de Comércio Exterior do Brasil, o gaúcho Marcus Vinicius Pratini de Moraes, à frente do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA - há quase dois anos e meio, é economista com pós em Administração Pública e de Empresas. Dias antes de embarcar para uma missão oficial a países europeus e aos Estados Unidos, Pratini de Moraes escreveu com exclusividade este artigo para a revista ***Alimentação Animal.***

O agronegócio brasileiro vive um período positivo. O saldo da balança comercial em 2001 apresentou um superávit de US$ 19 bilhões. E os resultados estimados para 2002 mostram que as exportações do setor gerarão um saldo de US$ 21 bilhões.

Na atualidade figuramos entre os maiores exportadores de carne do mundo. No ano passado a venda de carnes brasileiras para outros países cresceu 50% em relação ao mesmo período do ano 2000. Os produtos brasileiros têm qualidade, sanidade, usamos tecnologia de ponta e protegemos o meio ambiente. Somos um país competitivo e disso ninguém mais duvida.

O Brasil investe cada vez mais na criação de gado que se alimenta em pastagens para se tornar o principal exportador mundial de carne bovina. A imagem do boi solto no pasto e comendo capim é usada para ressaltar o perfil do gado nacional.

Ao lançar o Programa de Promoção da Carne Bovina Brasileira no Exterior, uma parceria do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes Industrializadas (ABIEC), Agência de Promoção das Exportações (APEX) e Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária (CNA), governo e setor privado ressaltam o diferencial da carne brasileira frente a outros países produtores, chamando a atenção para os cortes especiais.

O país está preparado para enfrentar a concorrência internacional com tranqüilidade, competência e seriedade. Governo e iniciativa privada em ação conjunta lutam para derrubar as barreiras que são impostas aos produtos brasileiros, o que retarda a ampliação do comércio bilateral. Na verdade, essas barreiras nada mais são do que uma das muitas faces do protecionismo que se antepõe à qualidade e preço dos produtos brasileiros.

As autoridades governamentais e os empresários brasileiros utilizam a estrutura oficial, a organização das empresas e entidades de classe para discutir o problema em seminários, reuniões, congressos e encontros com autoridades de governos vinculados ao agronegócio na Ásia, Canadá, Estados Unidos e Europa, buscando viabilizar acordos para a abertura de mercado para os produtos agropecuários brasileiros.

O governo federal assumiu condutas rígidas para assegurar a proteção sanitária da pecuária nacional, juntamente com os governos estaduais e municipais e o setor privado, com base no Acordo sobre a Aplicação de Medidas Sanitárias e Fitossanitárias da Organização Mundial do Comércio (OMC) e orientadas segundo as normas sanitárias previstas no Código Zoossanitário Internacional do Escritório Internacional de Epizootias (OIE).

O país possui o maior rebanho comercial bovino do mundo com mais de 160 milhões de cabeças, que é e continuará sendo herbívoro. Está proibida desde 1996 a utilização de farinha de origem animal para a alimentação de ruminantes. Quando existe suplementação alimentar, ela utiliza matérias-primas de origem vegetal. A suplementação alimentar em pasto e o confinamento, em menor proporção são alternativas fundamentais para a competitividade do setor. As estimativas técnicas indicam que, no máximo em 15 anos, a carne de gado engordado em pastagens de alta qualidade e suplementos minerais dominará o mercado.

Ainda sob a ótica da produção de carne em pastagens é essencial que o ***"boi verde"*** seja entendido como produto oriundo de sistemas de produção que, além do respeito ao ambiente, provêem os animais somente de alimentos de origem vegetal. Se as carnes tradicionais dos rebanhos brasileiros já são boas, a do ***"boi verde"*** é ainda melhor.

Não Corra Riscos. Faça Como Eles!

FERRAZ LIDERANÇA EM EXTRUSÃO DE RAÇÃO.

FERRAZ MÁQUINAS E ENGENHARIA LTDA. Via Anhanguera, km 320 Caixa Postal 510 Tel.:(16) 615 0055
Fax(16) 615 7304 CEP 14001-970 Ribeirão Preto SP www.ferrazmaquinas.com.br ferraz@ferrazmaquinas.com.br

Prêmio Convertedor do Ano 2001

A Melhor maneira da incoplast EMBALAGENS

Homenagear seus Clientes, Colaboradores e Fornecedores em 2001.

Parabéns!

Prêmio Destaques do Ano 2001 em Flexo

ABFLEXO FTA

A ABFlexo/FTA Brasil
Associação Brasileira Técnica de Flexografia,
confere a
Incoplast Indústria e Comércio de Plásticos Ltda.
o título de
Convertedor do Ano
em reconhecimento à sua brilhante atuação no setor,
durante o ano de 2001.
São Paulo, 6 de dezembro de 2001

Ezequiel Rebello Fernandez
Presidente da Comissão de Premiação

José Roberto Marcussi
Presidente